

A MORAL EPICURISTA NA SÁTIRA 1.3 DE HORÁCIO

Profa. Me. Vivian de Azevedo Garcia Salema (UFRJ)

RESUMO

O presente trabalho tem como objeto de estudo a sátira 1.3 de Horácio e tem por propósito demonstrar a grande influência exercida pelo pensamento epicurista na obra horaciana. Para facilitar uma compreensão mais abrangente acerca da temática abordada, essa pesquisa constará de uma tradução e de uma análise estilístico-literária, em que serão destacadas as principais características do referido poema.

Palavras-chave: Horácio, Sátira 1.3, Moral Epicurista.

THE EPICUREAN MORAL IN SATIRE 1.3 OF HORACE

ABSTRACT

This present research has as object of study the satire 1.3 of Horace and it aims to demonstrate the great influence exercised by the Epicurean thought in Horatian work. In order to facilitate a more comprehensive understanding about the selected theme, this research will present a translation and a stylistic and literary analysis where the main characteristics of the poem will be noticed.

Keywords: Horace, satire 1.3, Epicurean Moral.

Horácio - Vida e obra

Quinto Horácio Flaco nasceu em 8 de dezembro do ano 65 a.C. em Venússia, nos limites entre a Apúlia e a Lucânia. Era filho de um escravo liberto que trabalhava como cobrador de impostos, sendo, portanto, de origem pobre. Mesmo assim, seu pai procurou lhe proporcionar uma boa educação, levando-o para estudar em Roma.

O próprio pai incumbiu-se de transmitir a educação ligada às questões morais. Quanto à educação escolar, ele dirigiu seu filho a mestres muito conhecidos e pôde manter uma educação nas mesmas condições dos filhos de famílias mais abastadas. Horácio estudou em Roma e recebeu instruções de Orbílio Pupilo. Aos vinte anos, viajou para Atenas, o maior centro cultural da época e pôde aperfeiçoar seus estudos.

Quando César foi assassinado em 44 a.C., desencadeou-se uma guerra civil, na qual se enfrentaram, de um lado, os partidários de César, de outro lado, os seus adversários, liderados por Bruto e Cássio. Horácio se alistou no exército de Bruto e Cássio e combateu em Filipos. Porém não se mostrava afeito à guerra, tendo fugido da batalha quando houve uma derrota de Bruto. Assim, Horácio regressou para Roma.

Nesta época, seu pai já tinha morrido e as suas terras, confiscadas. Para se sustentar, Horácio conseguiu um emprego de escriturário. Nestas condições, aflorou a sua criatividade poética e ele começou a escrever versos. O jovem foi apresentado a Mecenas através de Virgílio e Vário. Inicialmente, não houve uma significativa aproximação entre eles, mas, transcorridos nove meses, Mecenas, homem de grande notoriedade, o convocou para integrar seu círculo de artistas, tornando-o um dos poetas oficiais do Estado. E assim, cresceu uma intensa amizade entre os dois, a ponto de Mecenas conceder a Horácio um sítio, a Vila da Sabina.

Deflagrou-se um período de muitas hostilidades entre Otaviano e Marco Antonio, acarretando uma definitiva ruptura entre ambos, pois Antonio se aliou a Cleópatra, contra Roma. Horácio se colocou a favor de Otaviano. Quando este derrotou as forças adversárias, em 31 a.C., em Ácio, o jovem poeta exultou a vitória. A partir desse episódio, começou o Império.

O período de paz chegou a Roma com o imperador Augusto. O poeta regozijou-se com a volta da tranquilidade na terra e no mar. Uma grande amizade se fortificou entre o poeta e o imperador, a ponto de Augusto ter oferecido um cargo de secretário ao grande artista, que recusou a oferta. Horácio apreciava a figura do imperador cujas atitudes considerava pacificadoras, e prestava-lhe frequentes homenagens.

O poeta faleceu em 8 a.C., no dia 27 de novembro, alguns meses após a morte de Mecenas, ao qual jurara não sobreviver. Foi sepultado ao lado de seu amigo Mecenas, em Esquilino.

Sobre a Filosofia Moral de Epicuro

Nesta pesquisa, julga-se necessário discorrer sucintamente a respeito dos pensamentos epicuristas, aos quais, Horácio direta ou indiretamente faz referência em suas composições. É profícuo este estudo, uma vez que a sátira horaciana 1.3, objeto deste trabalho, é uma poesia imbuída de ideias epicuristas.

Epicuro¹, que viveu sua juventude num período crítico, de decadência, miséria e infelicidade, procurou entender o funcionamento do universo e a essência humana. Em 306 a.C., Epicuro fundou sua escola filosófica em Atenas, numa casa com jardim, onde o filósofo reunia os amigos e transmitia suas idéias e seus conhecimentos. Longe das perturbações da cidade, eles – intitulados de “os filósofos do Jardim”- almejavam atingir a paz e a tranquilidade da alma, procedendo segundo as suas convicções filosóficas.

O epicurismo sofreu algumas influências do atomismo de Demócrito. Baseando-se nessa teoria dos átomos e reformulando-a, Epicuro acreditava que tudo no mundo era matéria. Segundo o atomismo, toda e qualquer matéria se formava por meio de um jogo mecânico de átomos - partículas que são indivisíveis, imutáveis e que diferem entre si quanto à forma e à disposição.

Conforme a teoria de Demócrito, toda e qualquer substância é formada pelas infinitas combinações entre os átomos, isto quer dizer que a existência de um objeto no mundo se deve à junção dessas inúmeras partículas, que estão aleatoriamente em constante movimento. O universo, desta forma, está sempre em transformação, a qual pode ser esclarecida pelo contínuo ajuste e desajuste entre os átomos.

Epicuro constrói suas crenças morais a partir da sua concepção racional do universo e da ciência sobre a natureza das coisas. Com fundamentos naturalistas e materialistas, esse filósofo partiu da Física para fundamentar a sua ética.

Para Epicuro, numa compreensão materialista da realidade, os deuses não participavam efetivamente da formação do mundo e, portanto, não interferiam na vida dos homens. Todas as coisas teriam uma causa natural. Os sábios aspirariam à perfeição divina, mas não cultuariam os deuses para serem recompensados.

Segundo a filosofia epicurista, os deuses são seres imortais imperturbáveis que vivem pacificamente num retiro, longe da humanidade e das imperfeições humanas. Eles também são constituídos por átomos, mas estes são especiais: delicados e brilhantes. Os deuses não podem agir sobre o mundo dos homens e, portanto, não os julgam, recompensando ou punindo.

Por isso, os homens não devem temer os deuses, uma vez que estes não estão associados aos malefícios e benefícios humanos. Consoante Epicuro, os deuses não têm sequer contato com o mundo físico, porque esse mundo é inadequado à sua natureza divina.

Em relação à morte, que é considerada como um dos maiores temores do homem, Epicuro, tendo por base a teoria atomística, julga esse fato natural, visto que tudo no mundo se constitui de átomos. A morte, pois, nada mais é do que a desagregação desses átomos que até então formavam um corpo e uma alma. Não há nada a temer, porque ela não acarreta dor nem sofrimento, apenas a privação das sensações.

O homem, pois, deve buscar o prazer (*hêdonê*), a felicidade (*eudamônia*) e a serenidade da alma (*ataraxia*), desviando-se dos sentimentos ruins e torpes que às vezes se apossam daquele que vive em sociedade. Epicuro sustenta que a felicidade é a ausência de qualquer tipo de dor ou perturbação, ou seja, é a saúde do corpo e a serenidade da alma. Assim, a principal finalidade dessa doutrina é o prazer, isto é, atingir uma condição em que não exista dor ou inquietação.

O homem só consegue atingir a libertação e a felicidade por meio do conhecimento da natureza e da compreensão da realidade humana. E, da mesma maneira, tudo aquilo capaz de causar dor e angústia deve ser evitado. Assim, os fenômenos da natureza não devem inspirar temor, já que a sua existência é explicada através de estudos científicos.

O homem, sendo um ser natural, tal como os animais, vive espontaneamente em busca do prazer, esquivando-se conseqüentemente da dor. Segundo Epicuro, o verdadeiro prazer é aquele em que o corpo se mantém equilibrado, em repouso, isento de sofrimento ou dor.

Epicuro estudou a fundo a natureza dos desejos, classificando esses em naturais (*phusikáí*) e inúteis (*kenáí*). Para se atingir a verdadeira felicidade, os indivíduos precisam conhecer bem os diferentes tipos de prazer que existem e, então, selecioná-los de modo prudente, examinando os benefícios e os danos. É prudente, então, que os homens limitem o mais possível os desejos naturais e não necessários e extirpem os não naturais e não necessários.

Os desejos (prazeres) naturais e necessários são inerentes à condição humana, são as necessidades vitais, tais como comer, beber, dormir etc. Os desejos naturais e não necessários são aqueles que se caracterizam pela ostentação, por exemplo, de comidas e bebidas finas, de vestimentas luxuosas etc. Os desejos não naturais e não necessários, chamados aqui de inúteis, são caracterizados pelo descomedimento na busca de algo absolutamente supérfluo, produzido por opiniões vazias, como por exemplo, a riqueza, a glória ou a imortalidade.

Sabe-se que Epicuro não se comprometeu em momento algum com a política e não constituiu família, alegando que tanto a política quanto o casamento não permitiam ao homem a tranquilidade do

¹ Filósofo grego (341-271 a.C.)

espírito. Mas, havia algo que, para o mestre epicurista, era essencial para a felicidade do homem: a amizade.

Sátira 1.3 (Original latino e tradução²)

*Omnibus hoc uitium est cantoribus, inter amicos
ut nunquam inducant animum cantare rogati,
iniussi nunquam desistant. Sardus habebat
ille Tigellius hoc. Caesar, qui cogere posset,
si peteret per amicitiam patris atque suam, non 5
quicquam proficeret; si collibuisset, ab ouo
usque ad mala citaret: "Io Bacchae", modo summa
uoce, modo hac, resonat quae chordis quattuor ima.
Nil aequale homini fuit illi; saepe uelut qui
currebat fugiens hostem, persaepe uelut qui 10
Iunonis sacra ferret; habebat saepe ducentos,
saepe decem seruos; modo reges atque tetrarchas,
omnia magna loquens, modo: "Sit mihi mensa tripes et
concha salis puri et toga quae defendere frigus
quamuis crassa queat. "Deciens centena dedisses 15
huic parco, paucis contento, quinque diebus
nil erat in loculis. Noctes uigilabat ad ipsum
mane, diem totum stertebat. Nil fuit unquam
sic impar sibi. Nunc aliquis dicat mihi: "quid tu?
nullane habes vitia?" Immo alia, et fortasse minora. 20
Maenius absentem Nouium cum carperet: "Heus tu"
quidam ait "ignoras te, an ut ignotum dare nobis
uerba putas? - Egomet mi ignosco" Maenius inquit.
Stultus et improbus hic amor est dignusque notari.
Cum tua peruideas oculis mala lippus inunctis, 25
cur in amicorum uitis tam cernis acutum
quam aut aquila aut serpens Epidaurius? at tibi contra
euenit, inquirant uitia ut tua rursus et illi.
Iracundior est paulo, minus aptus acutis
naribus horum hominum, rideri possit eo quod 30
rusticius tonso toga defluit et male laxus
in pede calceus haeret; at est bonus, ut melior uir
non alius quisquam, at tibi amicus, at ingenium ingens
inculto latet hoc sub corpore. Denique te ipsum
concute, numqua tibi uitiorum inseuerit olim 35
natura aut etiam consuetudo mala; namque
neglectis urenda filix innascitur agris.
Illuc praeuertamur, amatorem quod amicae
turpia decipiunt caecum uitia, aut etiam ipsa haec 40
delectant, ueluti Balbinum polypus Hagnae.
Vellem in amicitia sic erraremus et isti
errori nomen uirtus posuisset honestum.
Ac pater ut gnati, sic nos debemus, amici
siquod sit uitium non fastidire: strabonem 45
appellat paetum pater, et pullum male paruos
sicui filius est, ut abortiuus fuit olim
Sisyphus; hunc uarum distortis cruribus, illum
balbutit scaurum prauis fultum male talis.
Parcius hic uiuit; frugi dicatur. Ineptus 50
et iactantior hic paulo est; concinnus amicis
postulat ut uideatur. At est truculentior atque
plus aequo liber; simplex fortisque habeatur.
Caldior est; acris inter numeretur. Opinor,
haec res et iungit, iunctos et seruat amicos.
At nos uirtutes ipsas inuertimus atque 55
sincerum furimus uas incrustare. Probus quis
nobiscum uiuit, multum demissus homo; illi
tardo cognomen, pingui damus. Hic fugit omnis
insidias nullique malo latus obdit apertum,*

² A tradução desta sátira foi realizada a partir do texto latino proposto por François Villeneuve para a edição Les Belles Lettres (1989).

cum genus hoc inter uitae versetur, ubi acris 60
inuidia atque uigent ubi crimina; pro bene sano
ac non incauto fictum astutumque uocamus.
Simplicior quis et est, qualem me saepe libenter
obtulerim tibi, Maecenas, ut forte legentem
aut tacitum impellat quouis sermone: "Molestus, 65
communi sensu plane caret", inquit. Eheu,
quam temere in nosmet legem sancimus iniquam!
Nam uitis nemo sine nascitur, optimus ille est,
qui minimis urgetur. Amicus dulcis, ut aequum est, 70
cum mea compenset uitis bona; pluribus hisce,
si modo plura mihi bona sunt, inclinet, amari
si uolet; hac lege in trutina ponetur eadem.
Qui ne tuberibus propriis offendat amicum
postulat, ignoscet uerrucis illius; aequum est
peccatis ueniam poscentem reddere rursus. 75
Denique, quatenus excidi penitus uitium irae,
cetera item nequeunt stultis haerentia, cur non
ponderibus modulisque suis ratio utitur, ac res
ut quaeque est, ita supplicis delicta coerces?
Siquis eum seruum, patinam qui tollere iussus 80
semessos piscis tepidumque ligurrierit ius,
in cruce suffigat, Labeone insanior inter
sanos dicatur. Quanto hoc furiosius atque
maius peccatum est: paulum deliquit amicus,
quod nisi concedas, habere insuauis: acerbus 85
odisti et fugis ut Rusonem debitor aeris,
qui nisi, cum tristes misero uenere kalendae,
mercedem aut nummos unde unde extricat, amaras
porrecto iugulo historias captiuus ut audit.
Commixit lectum potus mensaue catillum 90
Euandri manibus tritum deiecit; ob hanc rem,
aut positum ante mea quia pullum in parte catini
sustulit esuriens, minus hoc iucundus amicus
sit mihi? quid faciam, si furtum fecerit aut si
prodiderit commissa fide sponsumue negarit? 95
Quis paria esse fere placuit peccata, laborant,
cum uentum ad uerum est; sensus moresque repugnant
atque ipsa utilitas, iusti prope mater et aequi.
Cum prorepserunt primis animalia terris,
mutum et turpe pecus, glandem atque cubilia propter 100
unguibus et pugnis, dein fustibus atque ita porro
pugnabant armis quae post fabricauerat usus,
donec uerba, quibus uoces sensusque notarent,
nominaque inuenere. Dehinc absistere bello,
oppida coeperunt munire et ponere leges, 105
nequis fur esset, neu latro, neu quis adulter.
Nam fuit ante Helenam cummus taeterrima belli
causa, sed ignotis perierunt mortibus illi,
quos uenerem incertam rapientis more ferarum
uiribus editior caedebat, ut in grege taurus. 110
Iura inuenta metu iniusti fateare necesse est,
tempora si fastosque uelis euoluere mundi.
Nec natura potest iusto discernere iniquum,
diuidit ut bona diuersis, fugienda petendis;
nec uincet ratio hoc, tantundem ut peccet idemque, 115
qui teneros caules alieni fregerit horti
et qui nocturnus sacra diuum legerit. Adsit
regula, peccatis quae poenas inroget aequas,
ne scutica dignum horribili sectere flagello.
Nam ut ferula caedas meritum maiora subire 120
uerbera, non uereor, cum dicas esse paris res
furta latrociniis et magnis parua mineris
falce recisurum simili te, si tibi regnum
permittant homines. Si diues, qui sapiens est,
et sutor bonus et solus formosus et est rex, 125
cur optas quod habes? "Non nosti, quid pater" inquit

*“Chrysippus dicat; sapiens crepidas sibi nunquam
nec soleas fecit, sutor tamen est sapiens. -Qui?-
Vt quamuis tacet Hermogenes, cantor tamen atque
optumus est modulator; ut Alfenus uafet omni
abiecto instrumento artis clausaque taberna
sutor erat; sapiens operis sic optumus omnis
est opifex, solus sic rex.” Vellunt tibi barbam
lasciui pueri; quos tu nisi fuste coerces,
urgetis turba circum te stante miserque
rumperis et latras, magnorum maxime regum.
Ne longum faciam, dum tu quadrante lauatum
rex ibis neque te quisquam stipator ineptum
praeter Crispinum sectabitur, et mihi dulces
ignoscent, siquid peccaro stultus, amici,
inque uicem illorum patiar delicta libenter
priuatusque magis uiuam te rege beatus.*

130

135

140

Todos os cantores têm este vício, quando solicitados a cantar pelos amigos, nunca o fazem, quando não ordenados, nunca desistem de cantar. Tigélio Sardo tinha esse vício: César, que podia obrigar, se pedisse pela amizade do pai e pela sua, não teve êxito algum. Se o tivesse agradado, desde o começo do jantar até a sobremesa, cantaria “viva bacantes”, ora com voz elevada, ora com esta, que ressoa as últimas com quatro cordas.

O caráter nunca foi constante neste homem: que muitas vezes corria, como que fugindo do inimigo; outras muitíssimas vezes como que levasse os objetos sagrados de Juno. Que ora tinha duzentos escravos, ora tinha dez. Ora falava sobre grandes coisas, sobre reis e tetrarcas, ora dizia “Que eu tenha uma mesa de três pés e uma concha de sal puro e uma toga espessa, que possa me repelir o frio.”

Se tivesses concedido um milhão de sestércios para esse avarento, satisfeito com pouco, em cinco dias, nada haveria nas bolsas. Velava as noites até pela manhã e ressonava durante todo o dia. Nunca houve um homem assim tão diferente consigo próprio.

Agora alguém diria para mim “Por que tu? Acaso não tens vício algum? Até tenho outros, talvez menores. Como Mênio repreendesse Nóvio ausente, um indivíduo diz “Olha tu, acaso te desconheces ou julgas nos dar o desconhecido?”. “Eu mesmo me perdo” diz Mênio. Este amor tolo e ímprobo é digno de ser censurado. Tu vês teus males com os olhos cheios de remelas, porque razão vês os vícios dos amigos tão agudamente como a águia ou como a serpente de Epidauro? Por outro lado, para ti, sucede ao contrário e aqueles, por sua vez, procuram descobrir teus vícios.

Este, menos apto aos hábeis olfatos destes homens, é um pouco mais iracundo. Ele, rústico, pode ser zombado com este corte de cabelo, porque a toga cai e o sapato se mantém muito frouxo no pé. Mas ele é bom. Como ele, outro homem melhor não há; Mas é teu amigo; mas o ingente talento esconde-se sob este corpo rude.

Por fim, examina a ti próprio, se nunca outrora a natureza ou até mesmo o mau hábito dotou-te de vícios, uma vez que o feto³, que deve ser queimado, nasce nos campos abandonados.

Voltemo-nos para aquele, a quem os defeitos torpes da amiga surpreendem o cego amor ou até mesmo estes próprios defeitos encantam, como por exemplo, o pólopo de Hagna a Balbino. Desejaria que procedêssemos assim na amizade e que a virtude tivesse dado um nome honesto para esse erro. Se houver algum vício do amigo assim, nós não devemos repugná-lo, como o pai não repugna o vício do filho.

O pai chama de meio vesgo o filho estrábico, e se este for anão, como foi outrora Sísifo, o chama de pequeno. Chama este com pernas disformes de varo⁴. O pai sussurra que é cambaio aquele que mal se apoia com os tornozelos. Este vive muito parcamente, diz-se econômico. Este é um pouco estúpido e muito vaidoso, pretende mostrar-se cortês com os amigos. E é muito severo e muito licencioso, que seja julgado como franco e valente. É muito temerário, que seja incluído entre os enérgicos.

Como julgo, isto aproxima e mantém os amigos unidos. E nós invertemos as próprias virtudes e desejamos manchar o intacto vaso. Se alguém probo vive conosco, um homem muito modesto, damos o cognome de molengão, vagaroso. Aquele evita todas as armadilhas e fecha o lado aberto para o mal, quando se encontra neste modo de vida, onde a cruel inveja e onde os crimes estão vigorosos. Em lugar de muito são e não imprudente⁵, o chamamos de astuto e simulado.

Se alguém é mais ingênuo quando por acaso impele não importa para onde o leitor ou o pensativo, tal como eu frequentemente, de boa vontade, me apresento a ti, Mecenas: dizemos “Importuno, carece completamente de senso comum”. Ah, quão irrefletidamente sancionamos uma injusta lei contra nós mesmos. De fato, ninguém nasce sem vícios! Aquele que contém pequenos vícios é muito bom! O amigo querido, se deseja ser amado, contrabalança, como é justo, estes numerosos defeitos com as minhas qualidades, se de algum modo, minhas virtudes forem muitas. Com esta lei, será colocado na mesma balança.

Quem solicita que não magoe o amigo que tem tumores característicos, perdoa as verrugas dele. É justo, por sua vez, que se conceda o reivindicado perdão aos defeitos. Enfim, visto que o vício da ira, do mesmo modo, outros vícios que se relacionam aos tolos não podem ser totalmente excluídos, por que a razão não se utiliza de seus pesos e medidas e não reprime os crimes com castigos conforme cada situação? Se alguém suspende na cruz um escravo que, ordenado para levar o prato, teria devorado os peixes meio-comidos e o tépido molho, deve-se dizer,

³ planta polipodiácea - plantas com raiz, caule e folhas, mas que não dão flores nem frutos ou sementes

⁴ Diz-se de um membro ou segmento de membro voltado para dentro.

⁵ Figura de Linguagem – Lítotes – nega-se o contrário do que se deseja afirmar

entre os sãos, que é mais louco que Labeão. Quão mais delirante e maior é este pecado: o amigo errou pouco, que tu sejas considerado desafortunado, se tu não o perdoas.

Hostil, tu o odeias e o evitas, tal como de Rusão o devedor de dinheiro foge, que, quando chegam as tristes calendas para o miserável, se ele não tirar dinheiro ou pagamento de todos os lados, ouvirá, como um cativo, amargas histórias com o pescoço estendido.

O bêbado urinou no leito ou derrubou na mesa o prato gasto pelas mãos de Evandro. Por esta razão ou porque, esfomeado, pegou o pequeno frango posto antes na minha parte da travessa, por isso, o amigo será para mim menos agradável? O que eu faria se ele tivesse cometido um furto ou tivesse revelado os segredos ou recusado uma promessa? A quem agrada que os pecados sejam iguais, padecem, quando se chega à verdade. Os costumes e os pensamentos e a própria utilidade, quase mãe da justiça e da equidade, repugnam aqueles.

Quando os primeiros animais rastejaram sobre as terras, rebanho mudo e torpe, por causa da boleta e dos covis, lutavam com as unhas e os punhos. Depois com paus e assim, mais tarde, com armas, que depois o uso forjou. Depois inventaram as palavras e os nomes, com que marcavam as línguas e os pensamentos. Posteriormente, começaram a se afastar da guerra, a fortificar as cidades e a estabelecer leis, para que não existisse o ratoneiro nem o ladrão nem o adúltero.

De fato, antes de Helena, a mulher foi causa muito repugnante da guerra, porém, aqueles que, agarrando a pessoa amada incerta, à maneira dos animais, pereceram com ignoradas mortes. O mais forte os matava, como um touro na manada.

É necessário reconhecer que as leis foram inventadas pelo medo da injustiça, se deseja percorrer os anais e os tempos do mundo. Nem a natureza pode distinguir o justo do injusto, como separa as boas coisas das ruins, as coisas que devem ser evitadas das que devem ser buscadas. Nem a razão provará que quem corta os tenros caules da horta alheia peca igual e tão gravemente quanto quem rouba de um deus, pela noite, os objetos sagrados. Que haja uma lei que aplique penas justas às faltas, para que não persigas com terríveis azorragues quem é digno de um chicote.

Na verdade, não temo que castigues com um chicote aquele que merece sofrer intensos açoites, quando dizes que todas as coisas são iguais, os furtos aos roubos e quando ameaças cortar com a mesma foice as coisas grandes e as pequenas, se os homens te concedem a soberania.

Se o sábio que, sozinho, é rico e bom sapateiro e belo e rei, por que razão desejas o que já tens? “Não sabes o que o pai Crisipo disse?”, diz ele. “O sábio nunca fez sandálias nem sapatos para si, contudo, o sábio é sapateiro. Como Hermógenes, que embora seja calado, é, contudo, um ótimo cantor e músico. Como o sagaz Alfeo, abandonado todo o instrumento da profissão e fechada a loja, era sapateiro. Assim, o sábio é um excelente artista em toda obra, assim, sozinho, é rei”.

Os meninos atrevidos arrancam-te a barba, se não os detiveres com uma vara, tu te oprimes com a turba em volta de ti e te perturbas e gritas como um miserável, ó maior de todos os reis.

Para que eu não me torne enfadonho: enquanto tu, rei, vais banhar-se por um tostão⁶, nenhum acompanhante te seguirá, exceto o tolo Crispino. E a mim, os queridos amigos perdoarão, se eu, como um tolo, errar. Em troca, suportarei de boa vontade as faltas desses amigos. Eu, como um particular, viverei mais feliz do que tu, como um rei.

Análise Estilístico-literária

A sátira 1.3 de Horácio caracteriza-se por seu teor essencialmente filosófico. É evidente que, nessa composição, o poeta latino se assenta nos preceitos epicuristas para expor suas ideias morais. Escrito em hexâmetro, o poema tem como matéria a amizade, que, para os epicuristas, seria uma condição indispensável para uma vida feliz.

Lucrécio - poeta latino e grande difusor das ideias de Epicuro em seu livro *De Rerum Natura* - exerceu forte influência sobre a obra horaciana. Na sátira aqui estudada, o poeta satírico faz algumas considerações a respeito da evolução cultural e do contrato social, que se faz reconhecer no quinto livro de *De Rerum Natura*.

Na sátira 1.3, Horácio defende os princípios epicuristas e ataca o pensamento estoico. Desta forma, o poema se divide em duas partes. A primeira consistiria nos versos 1-95 e a segunda, nos versos subsequentes. A mensagem que se transmite é que o indivíduo deve ser indulgente com o próximo, tendo em vista que todos os seres humanos possuem imperfeições.

Para dar ensejo à matéria sobre a qual se propõe argumentar, Horácio parte de um caso particular, como o personagem Tigélio - o Sardo. O poeta faz uma breve descrição desse cantor, que tinha o mau hábito de não atender aos suplícios dos amigos, que pediam que cantasse. Tigélio agia de modo impulsivo, despropositado e cantava quando lhe aprovesse. Nem mesmo César fazia-o obedecer.

Nos versos 7-19, Horácio ressalta a inconstância de caráter de Tigélio. Como se pode constatar, o poeta reforça essa ideia, usando repetidamente os advérbios *modo... modo, saepe... persaepe, saepe...saepe*. Introduzindo orações coordenativas, esses advérbios indicam uma sucessão de fatos

⁶ *Quadrante* é o ablativo de *quadrans* que significa a quarta parte de um asse (antiga moeda romana). Julgou-se conveniente traduzir-se por *tostão*, para facilitar a compreensão, mantendo a ideia do poeta.

contraditórios. E a partir da antítese estabelecida entre as orações, o poeta conclui: “*Nil fuit unquam / sic impar sibi.*”⁷

Em “*Nunc aliquis dicat mihi: “quid tu? / nullane habes vitia?” Immo alia, et fortasse minora.*”⁸, por meio de uma suposta interrogação, remetida para o próprio Horácio, de uma terceira pessoa, em discurso direto, o poeta demonstra que também ele possui vícios. Isto é, inferindo que alguém o questionasse a respeito de seus defeitos, o autor expõe a si mesmo no texto, de modo que cria uma aproximação entre ele e o leitor, passando para este maior credibilidade.

Nos versos seguintes, Horácio, para defender seu ponto de vista, cita, *ad exemplum*, dois personagens - Mênio e Nívio – mostrando que a pessoa que julga e censura os vícios de outrem, será julgada e censurada, em contrapartida. Desta forma, o homem precisa enxergar os seus próprios defeitos e estender a indulgência, que tem para consigo mesmo, aos outros.

Nos versos 29-37, o satirista latino aponta certo indivíduo, que, embora possa ser julgado pela sua rusticidade e ludibriado pela sua simplicidade no vestir, é um homem bom e virtuoso. E, finaliza o seu pensamento, com o uso de um imperativo – *concite* – recomendando ao leitor que observe a si mesmo e julgue os próprios defeitos.

Nos versos 38-54, Horácio aconselha ao leitor que seja condescendente, atenuando os defeitos dos amigos. A título de exemplificação, o poeta refere-se a um indivíduo chamado Balbino que ama cegamente Hagna, apesar de ela ter um tumor no nariz. E o poeta afirma que para os que amam, os defeitos tornam-se até mesmo agradáveis. Assim como o pai não rejeita as imperfeições do filho, as pessoas não devem repelir os vícios dos amigos.

Cabe observar ainda que o poeta se inclui como sujeito da oração, revelando modéstia e, ao mesmo tempo, criando uma aproximação com o leitor, como se vê no uso do pronome na primeira pessoa do plural: “*Ac pater ut gnati, sic nos debemus, amici / siquod sit uitium non fastidire: strabonem*”⁹. Nesse trecho, o satirista afirma que os sentimentos que envolvem as relações paternas deveriam se manifestar também nas relações de amizade.

A partir do verso 41, Horácio dá início a uma série de aconselhamentos que indicam maneiras mais suaves de como proceder diante dos defeitos dos amigos. Segundo se observa, existem dois tipos de defeito: o físico e o moral. Dentre os defeitos físicos, estão: *strabonem, abortiuus, distortis cruribus*. Dentre os morais, destacam-se: *parcius, ineptus* e *iactantior, truculentior* e *plus liber, caldior*.

Por meio de frases simples e objetivas e também com o uso de adjetivos ou advérbios no grau comparativo de superioridade, Horácio destaca os vícios morais que se caracterizariam pelo excesso, indicado pelo sufixo *-ior/-ius*. Isso pode ser observado nos versos 49-54 do texto analisado.

Constata-se que nos versos 53 e 54, o autor exprime sua opinião, utilizando o verbo na primeira pessoa do singular – *opinor*. Afirma, então, que este modo de proceder – sendo benévolo e compreensivo para com os demais - faz com que as pessoas se aproximem e conservem suas amizades. Pode-se observar, no verso 54, que há repetição do som inicial nas palavras *iungit* e *iunctos*, que tende a reforçar ainda mais o sentido de união expresso pelo poeta.

Nos versos 55-67, o poeta sustenta que os homens, em sentido geral, invertem até mesmo as virtudes, maculando o *sincerum uas*. Isto é, as pessoas tendem a transformar as virtudes em vícios, sujando o límpido vaso. O termo *uas* apresenta, neste verso, sentido metafórico e pode representar o próprio ser humano. Convém apontar, novamente, que Horácio, demonstrando modéstia, insere-se em suas considerações, com o uso dos verbos *inuertimus, damus* e *uocamos*.

Nos versos seguintes, Horácio coloca-se como exemplo de pessoa muito modesta e inocente, que está expresso no termo *simplicior*. Ele refere-se ao seu amigo Mecenas, a quem se dirige em segunda pessoa. O poeta afirma que muitas vezes desviou, ingenuamente, a atenção de Mecenas, quando este se encontrava absorto em algum pensamento.

Segundo o autor, o indivíduo *simplicior* passa a ser *molestus* para aqueles que veem as virtudes como vícios. E numa exclamação – *Eheu* – o autor afirma que os homens que se portam dessa maneira diante dos amigos, de modo a transformar virtudes em erros, outorgam leis injustas para eles mesmos. No verso 67, o tom ou força de voz é marcado pela aliteração, repetição do mesmo som consonantal **m** dos termos: “*quam temere in nosmet legem sancimus iniquam!*”

Em seguida, o poeta conclui que todas as pessoas têm vícios, mas aquelas que contêm menos são melhores. O amigo que quer ser amado, segundo Horácio, deve ser justo, equilibrando os defeitos com as virtudes, pois, assim, ele será colocado na mesma balança.

Nos versos 73-95, o poeta julga que os indivíduos que perdoam os defeitos dos outros são justos e, portanto, devem ser recompensados também com o perdão. Em outras palavras, é decente (*aequum est*) que os defeitos dos amigos sejam poupados.

⁷ Hor. Sát. 1,3,18-19.

⁸ Hor. Sát. 1,3,19-20.

⁹ Hor. Sát. 1,3,43-44.

Em seguida, nos versos 76-79, o autor afirma que os vícios da ira bem como outros vícios não podem ser inteiramente extirpados. Por isso, segundo ele, os erros, entendidos aqui como crimes, deveriam ser avaliados conforme a sua gravidade. Esse apontamento pode ser considerado um ataque aos preceitos estoicos, uma vez que estes se baseiam na ideia de que todos os crimes são iguais e abomináveis, sejam eles graves ou leves.

Nos versos seguintes, Horácio diz que deve ser considerado um louco o indivíduo que inflige rigorosamente o escravo só porque este, ao retirar os pratos da mesa, consome, insaciável, os restos da comida. Para o poeta, aquele que comete pequenas faltas é digno de perdão. Atente-se para o uso da hipérbole na expressão *in cruce suffigat*, que tem como função reforçar a intensidade na aplicação do castigo.

O autor cita outro *exemplum* de intolerância e falta de benevolência. Rusão, um conhecido usurário romano, pune severamente o devedor, *porrecto iugulo*, caso este não quite o seu débito. Deste modo, segundo Horácio, não se deve castigar com demasiado rigor aquele que comete erros leves. Os versos 90-98 compreendem a mesma mensagem, em que o poeta escarnece da moral estoica.

Nos versos 99-112, o poeta sintetiza o pensamento da evolução humana, tratado por Lucrécio em seu quinto livro, em *De Rerum Natura*. Tomando como base a concepção epicurista presente na obra lucreciana, Horácio aponta que o homem abandonou a violência primitiva, depois, desenvolveu a linguagem, construiu cidades e, então, estabeleceu leis.

Lucrécio explica, no livro acima referido, que o mundo está em constante transformação, e os átomos em contínuo movimento. Nesta, obra ele expõe sobre a criação da Terra, do sol, do mar, da lua e do céu. Desenvolve teorias epicuristas a respeito da história da civilização, da invenção das línguas, das armas e das guerras etc.

Após discorrer acerca da evolução humana, Horácio, nos versos 111-124, volta a atacar a doutrina estoica. Segundo os estoicos, não pode haver nenhuma autoridade maior que o *Lógos* – a razão universal. Para eles, que têm uma visão panteísta, Deus é o próprio universo concentrado em toda a natureza, sendo esta governada por princípios racionais. Assim, o homem não é capaz de mudar o que já está estabelecido pela natureza, portanto, deve-se viver de acordo com esta e agir conforme a razão.

Os versos 111-117, o poeta contesta rigorosamente os preceitos morais do estoicismo. Com veemência, Horácio atesta que o direito – *ius* - foi inventado pelos homens por causa do medo da injustiça – *metu iniusti*. A filosofia estoica, ao contrário do satirista latino, sustenta que, no mundo – que é um todo orgânico, as leis são impostas naturalmente. Ou seja, a própria natureza, regida pela razão, é quem determina as leis, que são universais.

O poeta declara que nem a natureza (*natura*) nem a razão (*ratio*) podem estabelecer diferenças entre o homem justo e o injusto, entre as coisas boas e as más, entre o que se deve desejar e o que se deve evitar. Através da Antítese, o poeta reforça a oposição de sentidos, que se estabelece com o uso dos vocábulos *iusto* e *iniquum*, *bona* e *diuersis*, *fugienda* e *petendis*.

Horácio, através dessa afirmação, refuta um dos mais importantes princípios da ética estoica: a concepção de que o homem deve viver de acordo com a natureza e a razão. Para o poeta, a razão não pode determinar que aquele que furta a hortaliza de outrem (*teneros caules alieni*) comete um crime de mesma gravidade de quem rouba os objetos sagrados de um deus (*sacra diuum*).

Em “*—Adsit / regula, peccatis quae poenas inroget aequas, / ne scutica dignum horribili sectere flagello.*”, o poeta defende a ideia de que deveria existir uma lei que impusesse penas proporcionais (*poenas aequas*) à gravidade de cada crime, para que não houvesse uma punição cruel ao merecedor de um leve castigo.

Em seguida, Horácio dá um ensejo para finalizar seu poema satírico, ironizando a concepção estoica a respeito da figura do sábio. O estoicismo preconiza o sábio, afirmando que este, antes de tudo, age perfeita e virtuosamente, porque faz tudo de acordo com a natureza e a razão, que ditam as leis universais. Desta forma, por viver em conformidade com o *Lógos*, o sábio é impassível, imperturbável.

No verso 125, pode-se constatar o uso do Polissíndeto, a figura de sintaxe que consiste na repetição de conectivos: “*et sutor bonus et solus formosus et est rex.*”. Com este recurso estilístico, o autor tenciona dar ênfase aos predicativos do próprio sábio.

Em seguida, Horácio cita o nome de Crísipo, a quem se refere ironicamente como *pater*. Crísipo - considerado como o segundo fundador do estoicismo - foi um dos grandes representantes da filosofia estoica. Citando o nome do cofundador dessa filosofia, claramente se percebe que o poeta se volta contra tais princípios.

Repetindo as máximas do Pórtico, o poeta diz que o sábio é sapateiro, mesmo sem fazer sapatos, é rico, belo e rei. Assim como Hermógenes, embora calado, seja um ótimo cantor; como Alfeno, que mesmo abandonando o ofício e fechando a loja, era sapateiro. Desta forma, o sábio é perfeito em tudo o que faz, é excelente em todos os trabalhos.

Nos versos finais, salienta-se, novamente, o tema da indulgência para com os amigos. Por meio do uso da conjunção *dum*, Horácio estabelece uma oposição entre ele e o sábio estoico, atribuindo a si mesmo a condição de *priuatus* e ao sábio, de *rex*.

O satirista mostra que a indulgência para com os amigos faz com que estes sejam do mesmo modo indulgentes. Assim, o poeta se compara ao sábio estoico, afirmando que, mesmo sendo *priuatus* é mais feliz que o sábio, que é *rex*. E isto se deve à indulgência que tem com os amigos, porque ele perdoa os defeitos de outrem e seus defeitos, em troca, são perdoados. O sábio estoico, por sua vez, não tem amigos, porque não é complacente com estes.

O pensamento Epicurista na Sátira Horaciana

As ideias epicuristas da sátira 1.3 de Horácio estão propriamente difundidas na primeira parte do poema (versos 1-95), no qual o poeta fala sobre a amizade e a indulgência. Antes de tudo, é conveniente observar a importância que a ética epicurista conferia à amizade. Este tipo de relação social era muito cultivado no Jardim de Epicuro, onde as pessoas aprendiam que a felicidade só podia ser alcançada se houvesse a amizade, considerada um bem imortal. E é esse justamente o tema central desta sátira: a amizade.

Através deste estudo, depreende-se que o poeta latino utilizou-se dos princípios epicuristas para fundamentar o seu próprio pensamento moral a respeito das relações de amizade. Segundo ele, as pessoas devem ser maleáveis com os amigos, uma vez que todo ser humano é passível de erros. Para o poeta, o perdão de uma falta ou a atenuação de um defeito faz com que os amigos se aproximem e se mantenham unidos.

O próprio sentimento de indulgência - que é preconizado pelo satirista em todo o poema - condiz com o pensamento epicurista, que muito privilegiava a prática da amizade.

Além de conceder relevância ao tema da amizade, prática muito estimada pelos epicuristas, o autor aponta outra questão imbuída desse pensamento filosófico: a evolução cultural. Como dito anteriormente, Lucrécio – grande difusor da filosofia de Epicuro - foi quem desenvolveu esse tema em *De Rerum Natura*, considerado o maior poema filosófico de todos os tempos.

Nesse poema, Lucrécio, em conformidade com a doutrina de Epicuro, descreve a origem da humanidade. Segundo ele, os homens, surgindo da terra, viviam à maneira dos animais selvagens (*mutum et turpe pecus*¹⁰), alimentando-se de animais ou do que era produzido pela natureza. Nos primórdios, os homens mais fortes tinham vantagem sobre os outros. Isso pode se constatar nos versos 107-110 da sátira horaciana, em que se diz que a mulher, muitas vezes, foi a causa da guerra e os homens mais robustos ganhavam a disputa *ut in grege taurus*.

Com o passar dos tempos, os homens abandonaram as lutas corporais e forjaram as armas. Aperfeiçoaram a linguagem; fortificaram as cidades e, por fim, instituíram leis, de modo a distinguir o justo do injusto. Conforme a teoria de Epicuro, as leis foram criadas pelos homens, por convenção, para que não vivessem em desordem ou em dissensões. Isto é, a partir das relações em sociedade, sentiu-se a necessidade de se inventar leis. Horácio aponta que as leis foram criadas, de fato, pelo medo da injustiça (*metu iniusti*).

É útil ressaltar ainda que o próprio sentido da moderação - compreendido na famosa frase horaciana “*Est modus in rebus*” e ainda na ideia da expressão “*Aurea mediocritas*” - estende-se convenientemente à temática do poema aqui estudado. Conforme a doutrina de Epicuro, deve-se alcançar o meio-termo em relação aos desejos ou aos prazeres. Horácio, com efeito, estende a ideia da mediania às relações humanas, como se verifica nos seguintes versos: “*Amicus dulcis, ut aequum est, / cum mea compenset utiis bona; pluribus hisce, / si modo plura mihi bona sunt, incliniet, amari / si volet; hac lege in trutina ponetur eadem.*”¹¹

Nesse poema satírico, Horácio defende a prática da indulgência nas relações entre amigos. E essa prática nada mais é do que um agir com moderação, com comedimento em relação ao outro. Logo no início do poema, ao citar o nome do cantor Tigélio, o poeta exprime claramente a sua crítica à inconstância, ou melhor, à falta de comedimento do cantor, cujo vício é caracterizado ora pelo excesso, ora pela carência. A partir das considerações do próprio satirista, entende-se que o que falta para esse cantor, no que tange ao caráter, é o justo meio termo (*mediocritas*).

Além disso, o poeta mostra que existem modos para atenuar os defeitos do amigo. Pode-se subentender que a suavização ou abrandamento do defeito de outrem também é um procedimento que advém do comedimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

¹⁰ Hor. Sát. 1,3, 100. *mutum et turpe pecus* = rebanho mudo e torpe

¹¹ Hor. Sát. 1,3, 69-72.

Na sátira aqui analisada, Horácio exprime suas idéias morais a respeito da amizade, que é o tema central do poema. De fato, nessa composição, há princípios da filosofia epicurista (largamente difundidos no poema de Lucrecio). Nessa análise, destacam-se, sobretudo, o sentimento da indulgência e do comedimento. Além disso, o poeta, como dito anteriormente, expressa claramente o seu posicionamento favorável à teoria epicurista da evolução cultural desenvolvida por Lucrecio.

BIBLIOGRAFIA

- BECK**, Marco. *Orazio Satire*. Verona (Italy): Arnoldo Mondadori Editore, 1994.
- CARDOSO**, Zélia de Almeida. *A Literatura Latina*. SP: Martins Fontes, 2003.
- CUNHA**, Alice da Silva. *A Ressonância epicurista na literatura latina*. In: **Calíope** – Presença Clássica, jan/jun 1985, Ano II, n. 2, Departamento de Letras Clássicas – Faculdade de Letras – UFRJ.
- FARIA**, Ernesto. *Dicionário escolar latino-português*. 6. ed. Rio de Janeiro: MEC, 1991.
- HORACE**. *Satires*. Tex. Ét. Et trad, par François Villeneuve. Paris: Les Belles Lettres, 1989.
- HORÁCIO**. *Sátiras*. Tradução e notas de Antônio Luís Seabra e Prefácio de Geir Campos. Rio de Janeiro: Ediouro, [s.d.].
- MARMORALE**, Enzo V. *História da Literatura Latina*. Vol.1. Tradução de João Bartolomeu Júnior. Lisboa: Editorial Estúdios Cor, 1987.
- PARATORE**, Ettore. *História da Literatura Latina*. Tradução de Manuel Rosa. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1985.
- SPALDING**, Tassilo Orpheu. *Pequeno dicionário de literatura latina*. São Paulo: Cultrix, [s.d.].
- RAMAGE**, E.S., **SIGSBEE**, D.L., **FREDERICKS**, S.C. *Roman Satirists and Their Satire: The Fine Art of Criticism in Ancient Rome*. Park Ridge, New Jersey: Noyes Press, 1974.
- REALE**, Giovanni. *História da Filosofia Antiga*. Vol. 3. *Os Sistemas da Era Helenística*. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 1994.
- ULLMANN**, Reinholdo Aloysio. *Epicuro: o filósofo da alegria*. 3 ed. rev. aumen. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.